

EDITORIAL

O número 25 da *Revista de Educação PUC-Campinas* traz uma edição voltada a um tema sempre presente na educação e, na maioria das vezes, gerador de controvérsias: avaliação.

A abrangência e relevância deste tema, bem como o impacto que causa, puderam ser vislumbrados pela quantidade de material recebido para a presente edição, pela variedade de óticas sob as quais foi tratado, bem como pela procedência dos artigos, vindos de diversas regiões do país.

Nossa seção de artigos é iniciada pelas discussões propostas por Ana Maria Saul, docente da PUC-SP, que apresenta uma perspectiva crítico transformadora para a avaliação educacional, denominada Avaliação Emancipatória, pautada nos pressupostos de Paulo Freire.

Seguindo a linha das reflexões a respeito da avaliação da aprendizagem, Amparo Villa Cupolillo discute os processos regulatórios e as possibilidades emancipatórias da avaliação da aprendizagem nas aulas de educação física e o texto de João Ricardo Viola dos Santos, Regina Luzia Corio de Buriasco e Andréia Büttner Ciani trata da produção escrita como estratégia de avaliação nas aulas de matemática.

O trabalho de Mara Regina Lemes de Sordi, bem como o de Cácia Cristina França Rehem e Maria Alice Melam buscam, a partir de óticas diferenciadas, analisar o processo de avaliação na educação superior, destacando, respectivamente, a importância da formação pedagógica do docente universitário e a existência de práticas avaliativas conservadoras, apesar de os professores apresentarem um discurso renovador.

Os textos apresentados na seqüência são estudos que enfocam a percepção de professores, alunos e gestores sobre diferentes processos avaliativos. Patrícia Silveira da Costa busca retratar como docentes e estudantes se sentem frente às provas escolares, ressaltando, entre outros aspectos, as relações de poder que se estabelecem por meio desse instrumento de avaliação. Valderice Cecília Limbergel Rippel analisa o sentimento de professores e alunos frente à avaliação realizada no interior do Projeto Correção de Fluxo, desenvolvido no estado do Paraná, e o grupo de autores composto por Luciana Martinez, Maria Beatriz Oliveira, Maria José Romanato, Fábio Reina, Luci Muzzeti e Maria Cristina Fernandes apresentam um estudo de caso sobre o processo de avaliação institucional de uma IES do interior de São Paulo, salientando o modo como é percebida por docentes e coordenadores de cursos.

Temáticas relativas à avaliação externa e políticas de avaliação norteiam as discussões do conjunto de textos que apresentamos a seguir. Bruna Tarcília Ferraz realiza um estudo sobre as políticas de avaliação institucional dos governos FHC e Lula. Já José Carlos Rothen, Luciano David e Luciana Martins Lopes retomam as discussões referentes ao Provão e ao ENADE apresentadas no JC e-mail, uma publicação eletrônica da SBPC, buscando semelhanças e distinções nos textos publicados a respeito da elaboração e aplicação dos dois exames em questão. Ana Lúcia Garcia e Iraide M. de Freitas Barreiro tratam da constituição de um Estado Avaliador no Brasil, analisam como a educação vem sofrendo as conseqüências da política de cunho neoliberal e finalizam ressaltado a importância do estudo da escola para que seus agentes possam imprimir novos significados aos processos avaliativos.

Ainda dentro deste conjunto temático, Rosimar Serena Siqueira Esquinsani relata a experiência pioneira de avaliação externa em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, que possibilitou a aproximação, de modo prático, da política educacional ao contexto da sala de aula, e Michele Silva Sacardo e Maria Cristina Hayashi, com base nas discussões realizadas pela comunidade acadêmica em relação aos critérios de avaliação da pós-graduação adotados pela CAPES, buscam subsídios para uma política de avaliação que inclua a diversidade do conhecimento produzido, apresentando algumas reflexões sobre os desafios que são postos à pós-graduação e aos próprios pesquisadores a fim de aperfeiçoar os mecanismos de avaliação.

Por fim, compondo um conjunto de textos que nos levam a diferentes reflexões sobre a avaliação e suas múltiplas relações, Marta Leardini Gonzaga, Vera Lúcia de Carvalho Machado e Maria Eugênia Castanho buscam traçar, em seu texto, um histórico do cenário mundial, destacando a influência dos países capitalistas nas políticas educacionais, em especial no que concerne à avaliação de processos e projetos educacionais, e, em seguida, buscam discutir diferentes crenças relativas à avaliação, culminando com a necessidade de definir-se a idéia de currículo. Já Ricardo José Mezzomo, a partir de questionários e entrevistas com pais e estudantes de um colégio particular de Blumenau, busca compreender e identificar estratégias educativas de famílias cujos filhos apresentam alto desempenho escolar, oferecendo subsídios para o debate sobre os valores agregados nessas famílias.

Encerrando este número, contamos com o trabalho de Sandra Maria Nascimento de Mattos, intitulado *Avaliar, um diálogo da afetividade com a rede de relações envolvidas no cotidiano escolar*, que examina a avaliação em seu aspecto afetivo, concluindo que esse é um caminho não somente para o entendimento, para o diálogo profícuo, para desvendar as reais necessidades de uma aprendizagem crítica e reflexiva, como também para o educador assumir compromisso com o ensino e com a aprendizagem.

Abrimos nossas discussões com duas entrevistas, realizadas com os professores Newton César Balzan e José Dias Sobrinho, envolvendo questões atuais que dizem respeito, especialmente, ao controle exercido pelo Estado sobre todos os níveis educacionais por meio de processos de avaliação em larga escala, bem como a temáticas relativas à qualidade da educação.

Graziela Giusti Pachane

Editora